



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

com as condições que temos no Brasil. Há espaço fiscal para duplicar ou triplicar o efetivo da PF? Não. O presidente Lula assumiu o Brasil em condições fiscais difíceis e temos que trabalhar com aquilo que temos à mão. A colaboração das Forças Armadas não é em segurança ostensiva, não é em patrulhamento. É para reforçar a presença do Estado naquilo que é sua atribuição constitucional, no que diz respeito à segurança pública do governo federal, de portos, aeroportos e fronteiras. A Receita tem aproximadamente 2,5 mil homens, apenas 35 postos aduaneiros e mais de 16 mil km de fronteiras. O mesmo trabalho em outros países — na Rússia ou nos Estados Unidos, por exemplo — é feito por mais de 60 mil pessoas. Existe espaço fiscal para multiplicarmos por 10, por 20, por 30 o efetivo da Receita? Não. Então, por que não, nesses lugares específicos, não contar com o apoio do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, que tem homens muito preparados, treinados e comprometidos com o país? A palavra-chave da segurança pública no Brasil é integração. Precisamos unir esforços e todos os servidores que têm capacitação, expertise, que podem ajudar nesse trabalho, são bem-vindos.

**Como é a relação com as polícias civis e militares em estados que têm governadores que são oposição ao presidente? Atrapalha? A autonomia dessas polícias judiciárias estaduais poderia facilitar a integração?**

Na segurança pública não tem oposição. A oposição é o crime organizado. A gente aposta muito no SUSP. Volto a dizer: temos 13 mil homens da PF para cuidar de um país de dimensões continentais. É impossível fazer segurança pública no Brasil sem o SUSP, que começa com a guarda municipal e passa pelas polícias civis, militares, técnicas e penais dos estados, até a Polícia Penal Federal, que faz um trabalho muito importante nos presídios. Não se fala sobre segurança pública no Brasil sem tratar da questão das unidades prisionais — isso está diretamente ligado. Dou o exemplo do Amapá: reduzimos em mais de 50% as mortes violentas intencionais no estado, numa colaboração da Secretaria Nacional de Políticas Penais com o governo do Amapá e o governador Clécio Luís, atuando nas penitenciárias. Na hora em que se organizou o trabalho nas penitenciárias, as mortes nas ruas caíram em mais de 50%. Esse é um trabalho conjunto do SUSP, de integração de todas as polícias, e com os governadores. Na segurança pública não tem situação ou oposição — que ameaça a vida, destrói a economia e afronta o Estado Democrático de Direito.

**O crime organizado está infiltrado no Estado, como no Rio de Janeiro. Como combater algo dessa natureza?**

O grande problema é que essas organizações criminosas — que tinham o patamar (de giro financeiro) de alguns milhões e, algumas delas, chegaram aos bilhões — são nacionais. Há as transnacionais, com poderio



**Quando se fala de organizações que movimentam bilhões, esses bilhões não estão em malas, não circulam em dinheiro vivo. Estão dentro de empresas de fachada, de contas-fantasma. (...) Este ano, em valores, estamos alcançando R\$ 3 bilhões apreendidos pela PF. Se a gente considerar bens, vai a R\$ 6 bilhões**



Assista à entrevista  
no canal do  
**Correio Braziliense**  
no YouTube

bélico e financeiro muito elevado. Isso faz com que tenham um poder de cooptação de agentes dos estados muito grande.

**Uma das ações do ministério é desmonetizar o crime organizado. Como isso é possível?**

Esse é o desafio central, pois o fenômeno da cooptação de agentes do estado não se resolve tratando um a um. Tem que enfrentar a estrutura do fenômeno, que está no poderio financeiro. Por isso, foram muito importantes as reuniões que fizemos, recentemente, com o presidente do BC, Roberto Campos Netto, sob o qual está a coordenação do COAF. Estamos montando um grupo com a PF e com o COAF para uma postura mais ativa no que diz respeito aos relatórios de inteligência financeira. Quando se fala de organizações que movimentam bilhões, esses bilhões não estão em malas, não circulam em dinheiro vivo. Estão dentro de empresas de fachada, de contas-fantasma. Para se ter ideia, este ano apreendemos de uma organização criminosa 268 apartamentos, uma torre inteira de imóveis de luxo em Balneário Camboriú (SC), (administrada por) uma imobiliária de fachada do crime organizado. Esse é um trabalho de inteligência muito importante. Este ano, em valores, estamos alcançando R\$ 3 bilhões apreendidos pela PF. Se a

gente considerar bens, vai a R\$ 6 bilhões. É um trabalho que exige planejamento e, sobretudo, inteligência financeira de investigação, como a PF tem feito.

**A PF prendeu, no Rio, um miliciano que estava foragido havia muito tempo — o Zinho, que tem conexões poderosas com o estado. Foi uma prisão importante pela representatividade que tem no crime organizado carioca. Como e por que ele se entregou?**

Quando um líder de organização criminosa do patamar dele se entrega, na véspera de Natal, é óbvio que foi porque analisou, naquele momento, que seria a melhor alternativa. Estava encurralado. A PF vinha trabalhando e fazendo um cerco sobre os braços financeiro e político, recolhendo um conjunto de elementos probatórios que tornavam a situação dele cada vez mais insustentável. Quando se chega a essa situação, o elemento criminoso passa a ser, também, uma ameaça à própria organização. Acho que temendo pela própria vida, optou por se entregar. Mas foi um trabalho de aproximações sucessivas da PF — que continua. A prisão de um líder não desmonta a organização. É um fato importante, que tem que ser celebrado porque leva a algum nível de desarticulação. Mas o trabalho da PF segue porque quando se extrai o líder, é

preciso continuar para desmontar as conexões e a espinha dorsal da movimentação financeira. É aí que se desmantela, de fato, a organização criminosa — senão, não adianta. Prende-se o Zinho e, daqui a pouco, tem outro “inho”. Tem que ir no coração da organização. Foi um trabalho muito bem feito pela PF, sem dar nenhum tiro. Precisa ser comemorado, mas o trabalho segue.

**Se ele resolver colaborar...**

A gente espera que colabore. Ninguém estabelece um regime de terror sobre um terço da cidade do Rio de Janeiro, como ele estabeleceu, sem ter conexões poderosas. Chega a ser curioso: Zinho estava foragido havia cinco anos, mas não estava fora do país — estava na cidade dele, muito provavelmente no bairro dele. Como é que se fica foragido na própria cidade? Com 12 mandados de prisão, isso demonstra que tinha conexões poderosas. A gente espera que colabore.

**O que se pode esperar do ministro Flávio Dino no Supremo Tribunal Federal?**

Pode-se esperar o que foi ao longo de toda a vida. Foi juiz federal por 12 anos, tornou-se presidente da Associação Nacional dos Juizes Federais e transformou-se em uma referência para a magistratura. Foi deputado federal e, no primeiro mandato, assumiu a Comissão de

Constituição e Justiça (CCJ) — também tornou-se um dos deputados mais brilhantes do Congresso. Depois, elegeu-se governador e foi reconduzido pela população — o maior selo de qualidade é o voto popular. Virou ministro da Justiça e Segurança Pública e vai sair, provavelmente em janeiro, aclamado pela população. Acho, então, que se pode esperar um ministro (do STF) muito capaz, qualificado, equilibrado e justo. Dará uma grande contribuição ao Supremo.

**Há a expectativa a respeito de quem será o novo ministro da Justiça. Porém, o PT expressou resistência ao senhor em ser efetivado à frente da pasta. Como lidar com isso? E como é a relação com o partido?**

Na política, é natural essa disputa. Mas sigo trabalhando normalmente porque a política tem o tempo dela. A escolha de ministros é uma atribuição exclusiva do presidente da República e tenho convicção de que o presidente Lula tomará a melhor decisão, e no momento adequado. Enquanto esse tempo não chega, o país não para, as atribuições do Ministério da Justiça e Segurança Pública não param. A população segue esperando e sigo trabalhando normalmente. Recebi a missão do presidente de ajudar no processo de estabilização da democracia, de estruturar

a política de segurança pública. Sigo com tranquilidade enquanto lá estiver.

**O senhor acha que (a contrariedade do PT) passa pela disputa com o PSB, partido do vice-presidente Geraldo Alckmin, ao qual o senhor é filiado? Como é a sua atuação partidária? Há perspectivas políticas do senhor em relação ao DF?**

Tenho uma relação harmônica com o PSB, muito boa com o vice-presidente Alckmin, com o ministro Márcio França (Empreendedorismo, Microempresa e Empresa de Pequeno Porte), com o presidente Carlos Siqueira, com os líderes (deputado Felipe Carreras (PE) e senador Jorge Kajuru (GO), com toda banca — uma relação absolutamente harmônica. Com relação ao futuro, brinco que toda segunda-feira reúno minha equipe para despachar os assuntos da semana e digo: “Nosso desafio é sempre chegarmos vivos à sexta-feira”. Pensar em 2026 é muito longe, não está na hora disso. O desafio do momento é ajudar o presidente Lula a fazer um grande governo — tudo para frente deriva desse resultado. Este foi um grande ano: a economia crescendo e muitos resultados para a população. O foco é fazer uma grande gestão e ajudar o presidente.

\*Estagiária sob a supervisão de Fabio Grecchi



**FABIANA MELO**  
Aluna da Escola  
Técnica de Brazlândia

# FELIZ DF NOVO.

Com a Escola Técnica do Paranoá,  
novas escolas e creches.

A grande transformação do Distrito Federal continua em 2024. O GDF segue investindo na educação, com a nova Escola Técnica do Paranoá, que trará mais oportunidades de emprego para 2.400 alunos. E ainda a construção e reforma de 20 escolas, mais 300 salas de aula e a conclusão de 15 creches. Tudo isso para trazer um feliz DF novo para todos.

